

O percurso formativo (parte 1): as graduações (História, Pedagogia e Direito)

FELIPE FIGUEIRA*

Resumo:

O objetivo do presente artigo é contar como se deu o meu percurso formativo ao longo das três graduações cursadas, História, Pedagogia e Direito, tendo em vista que a pessoa pode até projetar as suas vontades diante da vida, mas que esta, potente e obscura como dizia Nietzsche, se impõe ao indivíduo, mudando os seus horizontes iniciais.

Palavras-chave: História de vida. Graduações. História. Pedagogia. Direito.

Formative course (part 1): the undergraduate degrees (History, Pedagogy and Law)

Abstract:

The aim of this work is to tell how my formative path happened through three undergraduate degrees, History, Pedagogy and Law, owing to the person can project her wills face to life, but this, potent and obscure as Nietzsche, imposes itself on the individual, changing initial horizons.

Key words: History of life. Graduations. History. Pedagogy. Law.



* FELIPE FIGUEIRA é professor no Instituto Federal do Paraná (IFPR) campus Paranavaí; Doutor em Educação pela UNESP de Marília e Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

- *Foi o tempo que perdeste cm tua rosa que a fez tão importante.*
- *Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa... – repetiu ele, para não se esquecer.*
- *Os homens esqueceram essa verdade – disse ainda a raposa. – Mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela tua rosa...*
- *Eu sou responsável pela minha rosa... – repetiu o príncipezinho, para não se esquecer.*

Antoine de Saint-Exupéry, 2015, p. 74.

Introdução

Eu me lembro de que comecei a sonhar com a educação superior quando eu estava na quinta série (atual sexto ano) do ensino fundamental, em 1999, mesma época dos primórdios do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Na Fundação Bradesco, escola que estudei da terceira série (quarto ano) ao terceiro ano do ensino médio, o ENEM era assunto recorrente e isso me deixou sempre ansioso com o que viria depois da Fundação.

Quando eu tinha doze anos, em 2000, eu li “O Ingênuo”, de Voltaire, e esse encontro foi marcante, a ponto de que desde então eu só queria estudar filosofia. De Voltaire fui para Marx, Schopenhauer, Tomás de Aquino, Agostinho e Nietzsche. Em 2005, quando me tornei seminarista católico, o caminho era certo, cursar Filosofia, mas, um ano depois deixei o seminário e a vida mudou. Em Paranavaí, cidade que eu morava, não havia Filosofia, sendo que esse curso só tinha em Maringá, cidade a 70 quilômetros da minha. Como não havia condições financeiras para a mudança de localidade, ou para deslocamentos diários, fiz História, curso que, ao meu ver, era o mais próximo de Filosofia que havia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

É certo que antes de eu pensar em fazer Filosofia outros cursos apareceram aos meus olhos, mas, tão rápidos quanto uma piscadela: Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Engenharia Mecânica, Biologia e Direito. Tão logo surgiam esses cursos, eu me via com um livro de filosofia em mãos e o foco voltava. Mesmo eu gostando de literatura, era a filosofia que mais me atraía.

Quando eu me preparava para fazer o vestibular para a Licenciatura em História, um conhecido, que fazia Licenciatura em Ciências, me objetou: “Licenciatura? Você quer mesmo ser professor?” Mesmo diante dessa fala, não me importei, pois eu, ingênuo que eu era, queria algo que combinasse de fato comigo, ou que chegasse próximo. Nunca me preocupei em demasia com o que seria de mim a dez ou a vinte anos, e se eu teria dez casas ou uma. Meu pai queria que eu fizesse Ciências Contábeis ou Administração e que eu trabalhasse em banco (talvez porque eu fui aluno da Fundação Bradesco), mas esse tipo de trabalho era distante da minha personalidade. Já minha mãe não tinha preferências – e mesmo meu pai não se opôs à minha escolha, antes a incentivou.

Eu fiz o vestibular para História no ano de 2006 e fui aprovado. Lembro-me como se fosse hoje, ou anteontem, que assim que comecei a graduação iniciei um estágio na Empresa Paranaense de

Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e todo dinheiro eu utilizava para comprar livros, pagar um curso de inglês e um curso de história e cinema na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Foi um período mágico - ainda que cheio de conflitos - aquele que cursei a primeira graduação. Procurei aproveitá-lo ao máximo, muitas vezes, sobretudo depois que me tornei bolsista, no final do primeiro ano, dormindo de madrugada para poder ler e escrever em silêncio. Às vezes eu dizia: “Vou ler determinado livro em um único dia, pois assim saberei algo que poucos sabem”. Assim fiz, por exemplo, com “Escuta, Zé Ninguém!”, de Wilhelm Reich (comecei a leitura em um sábado antes do almoço e só parei às duas da manhã), e “A ordem do discurso”, de Foucault. De fato, esses são livros que poucos estudantes de História leram.

Mas, tão logo entrei na graduação e o tempo foi se passando, a vida tratou de se impor e mudar os meus rumos. Eis o marcante pensamento de Nietzsche, presente na “Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida”, a reaparecer: “Não é a justiça que se acha aqui em julgamento, nem tampouco a misericórdia que anuncia aqui o veredicto: mas apenas a vida, aquele poder obscuro, impulsionador, inesgotável que deseja a si mesmo” (NIETZSCHE, 2003, p. 30). Eu saí de uma graduação e fui para outra, Pedagogia, um curso jamais cogitado, e depois para outra, Direito, algo que só apareceu para mim, na época do ensino médio, como uma piscada de olhos. Uma graduação se entranhou à outra de modo que, tantas vezes, por mais que eu saiba que estou em uma aula de História, deixo os saberes bailarem em minhas aulas, pois assim também é a vida, cheia de danças inusitadas.

As graduações: História, Pedagogia e Direito

Entre 2005 e 2006 eu fui seminarista católico e me aproximei da filosofia. Antes desse período eu já havia lido alguns textos filosóficos, mas nada aprofundado. Foi só no seminário que conheci pessoas formadas nessa área e pude me aprofundar. Essa disciplina foi ministrada superficialmente no meu ensino médio, só uma aula por semana e só no primeiro ano. Entretanto, o gosto pelos filósofos ficou e eu decidi que cursaria Filosofia.

Uma vez que eu estava no seminário, era certo cursar a almejada graduação, porém, em 2006 eu saí e então certas situações ficaram confusas. Como em Paranaíba (Paraná) não tinha Filosofia, apenas em Maringá, e não era possível eu me mudar de cidade, prestei vestibular para História, curso que era o mais próximo daquele que eu sonhava. História foi um acaso, não uma escolha premeditada. Na época, 2006, eu disse para mim mesmo: “o mestrado farei em Filosofia”.

Em 2007, quando iniciei a graduação, o primeiro ano foi interessante. Conheci pessoas de várias cidades e pude aprender o que era o ambiente acadêmico. Aprendi o que eram fichamentos, metodologias, projetos e grupos de pesquisa e ao final daquele ano me tornei bolsista de um projeto de extensão sobre história e cultura afro-brasileira. Por causa dessa pesquisa, coordenada pela professora Luciana Pomari, pude viajar com frequência e me dedicar por três anos apenas à graduação.

Entre fevereiro e outubro de 2007 tive a experiência do primeiro trabalho: um estágio na Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER). Ainda que o estágio nada guardasse relação com o curso de

História, aproveitei o dinheiro para três destinos: 1º comprei vários livros; 2º iniciei um curso de inglês e 3º fiz um curso de história e cinema na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mas, diante da primeira oportunidade, saí do estágio e fui ser bolsista.

História, conforme dito, foi interessante e eu pude conhecer muito do universo acadêmico e fazer boas amizades, que valem a pena ser citadas porque elas fizeram parte da minha história: Carlos Narduci (que foi meu colega no “pré”, na Escola Santa Terezinha, em Paranavaí), Victor Pascoal, Renato Carvalho, Alexandre da Silva e Ronaldo Frutuozo. Porém, eu sentia falta de professores pesquisadores e de aulas que estimulassem o debate.

Eu tinha uma vida dupla: de um lado eu estudava conteúdos históricos e de outro eu me dedicava à filosofia. Não deixei de lado o meu sonho, ainda que ele não tivesse se concretizado em forma de educação superior.

Depois que acabou a fase de calouro e chegaram os segundo, terceiro e quarto anos, o desânimo e o cansaço chegaram juntos. Muitas vezes pensei em desistir, mas então eu me questionava: “se eu sair irei atrás do que quero?”. Como a resposta era não, eu continuava História. Ainda bem que eu tinha amigos, senão o peso teria sido impossível.

Quando eu estava no quarto ano eu já tinha antipatia por estudos históricos e comecei a imaginar uma outra profissão. Foi então que surgiu a ideia de fazer Pedagogia. Esse novo curso ficou ainda mais claro quando no final de 2010 eu fui aprovado no mestrado em Educação na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Um adendo: entre as experiências marcantes ao longo de 2007 e 2010 estão as organizações de eventos e, em especial, o “Simpósio de Humanidades”, em 2010, com professores do Rio de Janeiro (Renato Nunes Bittencourt, Marcelo de Mello Rangel, Rogério Seixas e Fábio Samu); e também as várias idas a terreiros de umbanda e candomblé em decorrência do projeto de extensão que eu era bolsista. É preciso estimular sempre a atividade dos alunos e isso para que a criatividade também se desenvolva.

Concluí a graduação e consegui dois empregos: um na Fundação Bradesco e outro no Colégio Nobel de Paranavaí. No primeiro eu lecionava História e Sociologia e no segundo Filosofia e Sociologia. Quanto à História, eu chegava a lecionar quase trinta horas semanais e isso era exauria. Quanto às outras matérias, eu gostava – e muito. Por causa da incompatibilidade de horários entre o mestrado e a Fundação, bem como eu não gostar de ensinar História, eu pedi demissão desse emprego.

Em 2011, até agosto, eu fiquei apenas no Nobel e no mestrado, até que surgiu a oportunidade de cursar Pedagogia no Centro Universitário Internacional (UNINTER), com 50% de desconto. O desconto se dava porque a UNINTER era no Nobel e quem trabalhava no polo tinha aquele desconto. Aproveitei. Eu seria pedagogo.

No entanto, ao contrário da primeira graduação, a segunda seria a distância. A promessa era “estude onde e quando puder” e que só teria aula no polo uma vez por semana. Logo descobri que o discurso “onde e quando” era um engano. Quem quiser se formar em curso a distância precisa estudar tanto quanto no presencial. Quanto a isso, 2020 e a

pandemia do novo coronavírus deram provas cabais.

A minha turma de Pedagogia começou com 30 alunos, mas logo eles começaram a desistir. A título de contextualização: na metade da graduação tinha menos de quinze alunos e em 2015, ano da colação, só era eu. Formei-me sozinho, mesmo sendo comum ouvir que cursos a distância são fáceis.

Gostei de fazer Pedagogia. Os livros das disciplinas eram excelentes e eu pude estagiar em vários lugares, de asilos à educação de jovens e adultos, da educação infantil à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Porém, em 2013, na metade do curso, por falta de colegas e por eu ter iniciado o doutorado na Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Marília, eu me cansei e desisti. Eram muitos trabalhos a serem feitos (vício da educação a distância) e pouco contato entre pessoas. Nunca conversei com nenhum professor. Tudo isso incomodou e pesou. Cheguei a ficar três meses longe do curso, mas depois voltei sob o seguinte argumento: “eu já estou na metade do curso e gosto dessa profissão”. Voltei e concluí.

Antes de continuar o caminho das graduações, vale a pena fazer um recuo ao ano de 2011.

Em 2011, eu tinha acabado de colar grau e tinha dois empregos. Eu saí da Fundação, dentre outros motivos, porque eu lecionava História. A experiência com a primeira graduação não tinha sido positiva e eu queria, de todas as formas, mudar de área. Mas, como sempre tem um porém, naquele mesmo ano surgiu um concurso para o IFPR da minha cidade, para a área de História, e eu resolvi fazer, afinal, era um concurso. Para a minha felicidade – e angústia – fui aprovado. Então veio a angústia,

sentimento que, segundo Lacan, nunca mente: “E agora? O que farei? Serei um professor concursado de História que não gosta do que ministra? E meus alunos?”

Em janeiro de 2012 comecei a lecionar no IFPR e foi ao longo das aulas, dos meses e de alguns anos que a minha resistência foi quebrada. Comecei a amar o que fazia. Mas, e quanto à Pedagogia e à mudança de área? Isso não passava mais pelos meus pensamentos, até porque no próprio IFPR comecei a lecionar uma série de disciplinas pedagógicas, a começar em 2014 por Políticas Públicas e Fundamentos Educacionais, em 2015 também surgiu Didática, depois se somaram Psicologia da Educação, Fundamentos da Educação Especial e Inclusiva, e Educação em Direitos Humanos. Enfim, quando em 2014 comecei a viajar e em 2016 conheci outros países, a paixão pela história ficou grande.

Em 2015, quando terminei Pedagogia, abriu Filosofia a distância na Universidade Paranaense (UNIPAR). Minha mãe e eu fizemos inscrição e fomos aprovados. Porém, no dia seguinte cancelamos a matrícula, pois eu não queria iniciar uma nova graduação. Duas eram suficientes. Todavia, no final de 2015, comecei a lembrar que um dia gostei de Direito e que, uma vez que eu tinha algum tempo livre após concluir Pedagogia e o doutorado, seria possível ir para a área jurídica, algo diferente das licenciaturas. Assim foi. Prestei o vestibular, fui aprovado e em 2016 comecei a terceira graduação.

O que é interessante é que iniciei Direito sem pretensões de seguir carreira jurídica, ao contrário de todos os colegas de sala. Meu interesse era conhecer o ordenamento jurídico. Só isso – e tudo isso.

Não pude me dedicar ao Direito por alguns fatores em especial, e esses fatores acabaram influenciando na dedicação ao novo curso. Primeiro: eu trabalhava em regime de dedicação exclusiva. Segundo: como eu gostava do que fazia, lia e escrevia bastante a respeito. Apesar desses dois fatores, notas nunca foram um problema e eu pude desenvolver bons contatos com os professores, que, no geral, ensinavam bem e sabiam o que faziam. Novamente nessa graduação eu não tive professores pesquisadores, mas isso não me afetou, porque eu já era um pesquisador e tinha bons contatos no meio acadêmico.

Outro adendo: em 2019, quando eu estava no quarto ano, aconteceu algo trágico com um amigo de sala, Rodrigo Dal Ponte. Rodrigo e eu logo no início do curso nos aproximamos, porque também ele estava na terceira graduação. Fizemos vários trabalhos juntos. Porém, em 26 de outubro daquele ano, ele teve um acidente de moto e faleceu no local. Uma tristeza ver um amigo ir embora em apenas um segundo. Quando ele faleceu eu estava em Boa Vista, em trabalho de campo com os refugiados venezuelanos, mas pude chegar a tempo do velório.

Ao olhar em retrospectiva, é possível perceber o quanto dos meus interesses originais, de 2005 e 2006, se alteraram. Da filosofia pela filosofia passei a ler textos das mais diversas áreas, ora por iniciativa própria, ora por compromissos das graduações. A vida não deixou que eu fizesse aquilo que inicialmente sonhei, mas nem por isso meus sonhos se tornaram pesadelos, pelo contrário.

Considerações finais

Se alguém dissesse ao Felipe de 15 anos que ele não faria quase nada daquilo que inicialmente almejava, provavelmente ele pensaria que seria infeliz. Mas, o

tempo revela coisas além do que pode imaginar um adolescente.

Um dia uma aluna de ensino médio me perguntou: “Professor, que conselho você dá para nós, pessoas de 17 e 18 anos, que está se formando?” Aquela pergunta abriu a minha mente para dizer o que registrei, em síntese, no parágrafo anterior. Então eu disse de modo claro e objetivo: “A maioria dos projetos que hoje vocês têm, em todos os sentidos, não se realizará, mas, nem por isso, serão infelizes.” Ao terminar a explicação, os alunos bateram palmas. Foi marcante.

Inicialmente eu quis fazer Filosofia, mas não fiz, e mesmo depois, quando houve massificação dos cursos a distância, eu não cursei Filosofia. Por quê? Porque não senti necessidade. Eu passei a filosofar por meio de outras graduações, das minhas aulas e, sobretudo, por meio dos meus livros. A escrita do meu primeiro romance, “A Casa” (inédito), fez valer a tese de Camus: “Se você quiser ser filósofo escreva romances.” (CAMUS, 2014, p. 18). Eu nunca me senti tão filósofo quanto no desenrolar de “A Casa”. Além disso, passei a gostar de trabalhar com História e Pedagogia e isso foi o bastante para me sentir satisfeito profissionalmente. Li textos filosóficos a vida toda e hoje também leio, mas, não tenho mais vontade de ser em tempo integral professor de Filosofia.

Se um dia sonhei em ensinar História para o curso de História, ou Pedagogia para este curso, uma vez que desde 2014 ensino disciplinas pedagógicas para a Licenciatura em Química, hoje não me importo mais em lecionar para estudantes de História ou Pedagogia. Muitas coisas mudaram e eu sinto e sei que não me tornei pior intelectualmente por isso. O diferente é diferente – e só.

Apesar de toda dificuldade que é de fato ser estudante universitário (se a pessoa realmente estudar) e da dificuldade que é conseguir um bom emprego na área, eu recomendo que as pessoas façam um curso superior. Com isso, ela terá mais oportunidades e poderá, como ocorreu comigo, se deparar com um universo mágico. Como eu sou o que faço, como eu vivo o que faço, incentivo que outras pessoas, sobretudo as mais vivas, a fazerem o mesmo. Esse foi um dos conselhos de Daniel Pennac, em “Diário de Escola”: “Eu também sempre encorajei meus amigos e meus alunos mais vivos a se tornar professores. Sempre pensei que a escola, antes de tudo, eram os professores. E quem me salvou da escola senão três ou quatro professores?” (PENNAC, 2008, p. 45).

Depois de três graduações, penso em fazer outra? Ao escrever esse texto (fevereiro de 2024), estou há três anos graduado em Direito (dezembro de 2020) e não sinto a menor necessidade de

voltar, como aluno, aos bancos escolares. Sinto que já passei dessa fase. Foram vinte e sete anos consecutivos. Mas, o desejo de estudar não cessa nunca, prova disso é que, em plena sexta próximo à meia-noite, estou escrevendo essas linhas, o que me faz atestar que o universo escolar é mágico e encantador.

Referências

CAMUS, Albert. **Cadernos (1935-37) Esperança do mundo**. São Paulo: Hedra, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PENNAC, Daniel. **Diário de Escola**. Trad. de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Trad. Dom Marcos Barbosa. 51ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

Recebido em 2024-02-14
Publicado em 2024-05-31